



08/03/2016 18:05 - As mulheres cuidam dos filhos, trabalham mais e ganham menos

As mulheres do mundo passam mais tempo do que os homens em atividades domésticas não remuneradas, principalmente no cuidado com os filhos. Até dez anos mais de sua vida, como revela a pesquisa *Trabalho de Mulher: Mães, Crianças e a Crise na Assistência à Infância*, realizada pela *think-tank* britânica Overseas Development Institute (ODI). Mas as mães também atuam no mercado de trabalho formal para sustentar suas famílias, o que se traduz em uma falta de tempo que afeta sua qualidade de vida e bem-estar, e também suas crianças. Pelo menos 35,5 milhões de menores de cinco anos passam mais de uma hora por dia sozinhos ou sob a supervisão de outra criança com menos de 10 anos, segundo o estudo. “Isso não reflete uma falta de amor pela parte de seus pais, mas sim uma crise mundial de assistência à infância que atinge em cheio os mais pobres”, ressaltam os autores.

A história de Elizabeth López resume todas essas (e mais) desigualdades: de gênero, econômica, de tempo e de oportunidades. Ela cuidava de seus cinco filhos na Bolívia quando, em 2004, decidiu emigrar em busca de um trabalho melhor remunerado que o de costureira, que tinha em seu país, e assim poder sustentar a família. “O pai deles era muito machista. Ficava bêbado e nos expulsava de casa”, conta essa mulher de 43 anos. Em julho chegou a Madri, depois de uma primeira tentativa na França, na qual acabou em um centro de detenção e depois deportada. “Vim para poder mandar dinheiro para eles. Vivíamos em uma rua de terra, junto de um barranco, e quando chovia, tudo ficava alagado”, recorda. Na época, sua filha mais nova tinha seis anos.

“Eles ficaram em La Paz”. A decisão foi tão difícil que ainda magoa Elisabeth. Várias vezes, ela interrompe seu relato para chorar. “Desculpe, senhorita”, recompõe-se. “Eu ligava para eles todos os dias e cantava para eles. Eu os acordava e dizia para irem para a escola. Mas aconteceram muitas coisas ruins e eu não estava lá. Tenho 43 anos, não tenho amigas e não consigo sorrir. Sinto-me culpada”, consegue contar. Mas com a parte do salário obtido em diferentes trabalhos como empregada doméstica que Elisabeth envia aos filhos, eles conseguiram mudar de casa e pagar os estudos universitários. “O mais velho estudou Farmácia e o menor está fazendo Medicina”, diz.

Assim como Elisabeth, “muitos pais – principalmente as mães – têm de tomar a difícil decisão entre cuidar de seus filhos e ganhar o suficiente para sustentar a família”, destaca o documento. Alguns emigram de zonas rurais para a cidade ou até para outros países. Eis o que descrevem os pesquisadores: “Às vezes, a escolha entre sustentar seus filhos ou cuidar deles é agonizante. Muitas mulheres deixam seus países – e frequentemente filhos dependentes – para procurar trabalho em outro lugar. Em alguns países, inclusive a Espanha – que é um dos maiores empregadores de trabalhadoras domésticas da Europa –, o emprego que encontram é quase sempre como faxineira ou empregada, ainda que a maioria não tenha exercido esse tipo de trabalho antes de emigrar”.

Isso ocorre nos casos mais extremos de necessidade e desespero. Emma Samman, Elizabeth Presler-Marshall e Nicola Jones, as pesquisadoras do ODI e autoras do estudo, destacam que, no mínimo, as mulheres sofrem com a falta de tempo, o que acaba repercutindo nos cuidados consigo mesmas e com seus filhos. “Em 66 países que representam dois terços da população mundial, há uma grande desigualdade no tempo que as mulheres empregam em atividades não remuneradas, em relação aos homens. Em média, elas dedicam 3,3 vezes mais”, detalham. No Iraque, as mulheres passam 10,5 semanas a mais por ano que os homens em trabalhos não remunerados nem reconhecidos. Enquanto isso, na Suécia, o país mais igualitário, essa diferença é de 1,7 semana.

O fato de as mulheres gastarem mais tempo que os homens nas tarefas invisíveis do lar e dos cuidados com as crianças significa, às vezes, que elas trabalham menos horas no setor formal. “Mas quando somamos as responsabilidades remuneradas e não pagas, incontestavelmente elas trabalham mais – em média cinco semanas mais ao ano do que os homens”, informa o ODI, que cruzou dados de diversas fontes ligadas à ONU.

Elisabeth sabe bem o que é essa desigualdade de responsabilidades. Ela recorda que seu marido “bebia muito”. Embriagava-se com frequência e não tomava conta das crianças. “Tem muito machismo ali. Agora digo ao meu filho que ele não se comporte assim, que não seja como o pai”, afirma, emocionada. Com suas lições, esta mãe tenta evitar que a discriminação contra a mulher que ela tanto sofreu se perpetue. No que se refere aos cuidados com as crianças, os dados mostram que são as meninas quem majoritariamente assume essa função na família desde a infância. “Isso tira delas as possibilidades de frequentar a escola, em relação aos meninos”, alertam as pesquisadoras do ODI. “Em algumas zonas rurais da Etiópia, 52% das meninas entre cinco e oito anos já realizam tarefas de cuidados às quais dedicam três ou mais horas por dia, em comparação a 38% dos meninos”, exemplificam.

Na Espanha, Elisabeth encontrou outro tipo de discriminação: laboral, salarial, institucional, racismo. Quando perdeu seu último emprego – porque o “advogado famoso” para quem trabalhava como doméstica por 461 euros por mês a despediu por pedir uns dias folga no

Natal –, Elisabeth só recebeu a ajuda da ONG Pueblos Unidos. “Consegui um trabalho de babá graças a eles”, diz, agradecida. Apesar de ter pensado em voltar para a Bolívia, Elisabeth solicitou o reagrupamento familiar para sua filha mais nova, que foi diagnosticada com uma doença degenerativa. “Aqui ela vai ser melhor atendida”, considera. E continua mandando dinheiro aos outros filhos.

“A política está falhando com essas mulheres e com as meninas. Frequentemente assume-se que o tempo é um problema apenas para as mulheres empregadas no mercado de trabalho formal. E as diretrizes adotadas esquecem a grande maioria de mulheres em países em desenvolvimento que trabalham no setor informal (129 milhões, em todo o mundo) e ainda cuidam de seus filhos”, escrevem as autoras. Além disso, essas trabalhadoras não têm seus direitos reconhecidos para exercerem a criação de sua prole. “Esperamos que os tomadores de decisões políticas prestem atenção na população feminina e nas crianças, e tomem medidas direcionadas a aumentar a proteção desses grupos”, afirma Samman.

Alguns países já estão tendo sucesso nessas iniciativas. O relatório destaca o Vietnã, que, apesar de ser um país de renda média, aprovou uma ampla gama de políticas de proteção. Um exemplo é a adoção de uma licença-maternidade de seis meses com direito a 100% do salário, licença-paternidade igualmente paga, assim como a obrigação de remunerar as pausas para ir a consultas de pré-natal ou pós-parto, e amamentar o bebê. Também positiva é a decisão da África do Sul de ratificar a Convenção Internacional para o Trabalho Doméstico, para a proteção dos trabalhadores deste setor predominantemente informal e feminino.

Fonte: El País Brasil

Notícias RO